

SOBRE ASSIS CINTRA E D. PEDRO I

José Antônio de Ávila Sacramento

O jornalista, crítico literário, filólogo, historiador Francisco de Assis Cintra nasceu em Bragança Paulista (SP) no dia 13 de março de 1887. Ele deixou um precioso acervo de trabalhos publicados em livros e jornais de São Paulo e do Brasil; faleceu em 29 de junho de 1953, no Hospital Santa Rita, na Capital do Estado de São Paulo, e foi sepultado na sua cidade natal. Nas suas obras o leitor percebe que ele escreveu histórias bastante diferentes daquelas que até hoje ainda se aprende nas escolas. Tal postura rendeu a ele os vieses de destruidor ou desconstrutor da história, iconoclasta, polemista e quixotesco. Por causa disto ele foi praticamente excluído da historiografia brasileira.

No ano de 1928, por exemplo, Francisco de Assis Cintra publicou o livro "Histórias que não vêm na História". A obra foi editada pela Companhia Editora Nacional que, pelos direitos autorais, pagou-lhe oito contos de réis. Naquela publicação há detalhes sobre personalidades históricas tais como Pedro I e II, Domitila de Castro, Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant, José de Anchieta, Floriano Peixoto, Francisco Gomes da Silva ("Chalaça"), princesas e condessas... No capítulo "No tempo de Domitilla", páginas 184 a 198 do livro referenciado, Assis Cintra comentou o temperamento e a vida íntima do primeiro imperador brasileiro, que "tinha em si a tara de seus antepassados, devassos representantes do bastardo duque de Bragança". Escreveu, ainda, que a mãe de D. Pedro I, Carlota Joaquina, era "impetuosa e nymphomaniaca" e que ela "foi notável pelas suas loucuras amorosas com o famoso João Santos, moço de cavalaria. Sua avó, Maria I, passou para a História com o cognome de "A Louca". Filho e neto de duas loucas, certo D. Pedro não poderia ser um monarca pudico e morigerado, um homem normal de temperamento equilibrado. Ele teve grandes defeitos, sendo um dos maiores a sua famosa devoção pelo "rabo de saia". Deante de uma formosa mulher D. Pedro perdia a compostura e o juízo, fosse ela uma simples marafona ou a consorte de uma de seus ministros". Assim, não era e se estranhar que maridos proibissem as companheiras de frequentar as festas do Paço, "para que o monarca não as visse e não as cobiçasse".

Assis Cintra registrou que em 1822 D. Pedro viajou para São Paulo, passando por Taubaté, onde havia lindas e formosas mulheres. O vigário local, que já conhecia a fama e o "fraco" dele pelas beldades, temendo algum incidente desagradável, afastou da cidade "as lindas ovelhinhas" que poderiam vir a ser cobiçadas pelo insaciável "lobo de sangue azul". Assim, "D. Pedro só viu em Taubaté matronas respeitáveis pela feiúra". Ao chegar em São Paulo, comentou com José Bonifácio que a terra dele era encantadora e que a gente era bondosa, mas que cansou de ver mulheres feias, "exceto uma "carinha de anjo - a Domitilla, a quem o marido esfaqueou barbaramente.". O sábio Andrada, rindo-se, retrucou ironicamente: "Talvez, Alteza, as paulistas formosas se esconderam cautelosamente.". Dias depois, D. Pedro mandava buscar a tal "carinha de anjo, para transformá-la na

Senhora Marquesa de Santos (título que faz menção a uma cidade onde ela nunca residiu) e quase imperatriz do Brasil, "mulher que torturou a pobre Maria Leopoldina com as maiores humilhações que uma feliz amante pode dispensar a uma virtuosa esposa".

A respeito de Domitila, "Pedro I ficou perdidamente apaixonado pelos seus encantos, pois era uma linda luso-brasileira sensual de seios fartos e quadris volumosos, chamada carinhosamente pelo imperador do Brasil de 'Titília, a bela!'. Domitila de Castro Canto e Melo não foi não foi a única amante de D. Pedro, mas foi a mais importante e a que mais tempo se relacionou com ele. Antes mesmo de se casar com D. Leopoldina, o príncipe se envolvera com uma bailarina francesa, Noémi Thierry, com quem teve um filho. Durante seu relacionamento com Domitila teve outros casos paralelos, como a esposa do naturalista francês Aimé Bonpland, Adèle Bonpland; relacionou-se com outra francesa, a modista Clemence Saisset, com quem teve um filho e cujo marido tinha loja na Rua do Ouvidor. Além das francesas, a própria irmã de Domitila, Maria Bendita de Castro Pereira, Baronesa de Sorocaba, teve um filho com o imperador. Há registros de que Dom Pedro I não deixava nem mesmo as escravas em paz, que frequentava bordéis e seduzia "moças de família". Há fortes evidências de que a imperatriz Leopoldina caiu doente e morreu de tristeza por causa das aventuras amorosas do marido. Detalhes da ruidosa aventura extraconjugal de D. Pedro e Domitila ficaram registrados em parte nas explícitas cartas que o imperador, assinando como "O Demonão", escreveu para ela, a "Titília". Tais correspondências foram encontradas num arquivo dos EUA e revelaram aspectos íntimos da vida dos dois e alguns aspectos da política do Primeiro Reinado (para saber mais sobre este assunto, recomenda-se a leitura de "Titília e o Demonão – Cartas inéditas de Dom Pedro I à Marquesa de Santos", de Paulo Rezzutti).

Quanto ao escritor Assis Cintra, não se pode assegurar que ele tivesse a intenção ou o prazer de patrocinar qualquer "demolição histórica". O que ele não desejava era acreditar piamente em histórias eivadas de erros e repetir maquinalmente supostas verdades em detrimento da realidade oculta atrás das aparências. Sabemos que na História do Brasil há episódios de tal modo impressionantes que nos dão a impressão de que são pura invenção ou suspeita-se de grandes manipulações para vangloriar fatos e fabricar ou demitologizar a certos heróis. Assis Cintra achava que "os livros escolares de História do Brasil não abandonaram a farsa da tela de Pedro Américo sobre a Independência e que havia uma certa preferência pela lenda do que pela verdade aguda da história" (a quem interessar entender a razão desta afirmação eu recomendo uma releitura dos episódios ocorridos a 07 de setembro de 1822 e a comparação das imagens do quadro "O Grito do Ipiranga", de Pedro Américo, com a pintura "1807 - Friedland", de Jean-Louis Meissoner - *vide a reprodução das fotos das telas na última página*).

Aliás, pelo que percebemos, parece que tentar fantasiar ou falsear a História é aquilo que ainda mais se vê por aí, ou não?



Acima: reprodução da tela "1807 - Friedland", de Jean-Louis Meissoner, pintada no ano de 1875 (obra que retrata a vitória de Napoleão Bonaparte na Batalha de Friedland).

Abaixo: reprodução da tela "O Grito do Ipiranga", de Pedro Américo, que ficou pronta no ano de 1888 (obra que retrata a Independência do Brasil, ocorrida no ano de 1822).



Este texto foi publicado originalmente no **JORNAL DE MINAS**
(São João del-Rei - MG, ano XVI, edição nº 259, de 27/11 a 03/12/2015, pág. 2)